



A mulher na sociedade nórdica medieval: uma análise do cotidiano feminino entre os séculos X e XI a partir da Saga de Njáll

Julia Machado Marangon¹

Resumo: O presente artigo se destina a fazer uma análise acerca do cotidiano das mulheres inseridas em uma sociedade nórdica medieval dos séculos X a XI, a partir do relato presente na Saga de Njáll, de modo a compreender o papel destas mulheres presentes nas sociedades islandesas. Mais especificamente, os objetivos da pesquisa foram identificar como são representadas as mulheres na fonte; investigar, na saga, quais eram os direitos das mulheres; e observar até onde se estendia a influência das mulheres dentro desta sociedade. A Njálls saga, ou Saga de Njáll, é uma saga islandesa de autoria desconhecida, que retrata a Islândia entre os anos 960-1020 d.C. cuja tradução para o português se encontra na tese de doutorado Brennu-Njálls saga: Projeto Tradutório e Tradução para o Português, defendida em 2014 pelo então doutorando Théo de Borba Moosburger. A trama da Saga narra a história de amizade entre Gunnarr Hámundarson e Njáll Þorgeirsson, e como as disputas entre suas famílias (suas esposas, mais especificamente) levaram a morte de Njáll, durante o incêndio em sua fazenda. Foi possível constatar, ao longo da pesquisa, que as mulheres possuíam relativa autonomia dentro dessas sociedades, além de uma grande influência e de terem direitos que as protegiam, embora ainda dependessem da intervenção masculina, não podendo reivindicar esses direitos por si só.

Palavras-chave: Cotidiano. Era Viking. História das Mulheres

Abstract: This article aims to analyze the daily lives of women in a medieval Nordic society from the 10th to the 11th centuries, based on the account present in the Saga of Njáll, in order to understand the role of these women present in Icelandic societies. More specifically, the research objectives were to identify how women are represented at the source; investigate, in the saga, what women's rights were; and observe how far the influence of women within this society extended. The Njálls saga is an Icelandic saga of unknown authorship, which portrays Iceland between the years 960-1020 AD, whose translation into portuguese is found in the doctoral thesis Brennu-Njálls saga: Projeto Tradutório e Tradução para o Português, defended in 2014 by the then doctoral student Théo de Borba Moosburger. The plot of the Saga tells the story of the friendship between Gunnarr Hámundarson and Njáll Þorgeirsson, and how disputes between their families (their wives, more specifically) led to Njáll's death, during the fire on his farm. It was possible to observe, throughout the research, that women had relative autonomy within these societies, in addition to having a great influence and having rights that protected them, although they still depended on male intervention, not being able to claim these rights by themselves.

Keywords: Daily. Viking Age. Women's History.

¹ Graduanda do Curso de Licenciatura em História pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Este trabalho foi orientado pela Prof. Dra. Adriana Mocelim (PUC-PR).

<http://lattes.cnpq.br/3211924080172141>

Email: juliammarangon@gmail.com





Introdução

O presente artigo tem por objetivo apresentar as pesquisas realizadas durante a produção do Trabalho de Conclusão de Curso do curso de Licenciatura em História. Este trabalho busca uma análise do cotidiano das mulheres inseridas em uma sociedade nórdica medieval dos séculos X a XI, para compreender o papel destas mulheres presentes nas sociedades islandesas, utilizando como fonte primária a Saga de Njáll. Pretendeu-se com esta pesquisa identificar as representações das mulheres na fonte, investigar, na saga, quais eram os direitos das mulheres; e observar até onde se estendia a influência feminina dentro da sociedade representada.

Este trabalho se relaciona com outros já existentes acerca da presença feminina na sociedade nórdica medieval, como o de Judith Jesch (*Women in the Viking Age*, 1999) e o de Jenny Jochens (*Women in Old Norse Society*, 1995). Jochens descreve que, se tratando do estudo da história das mulheres, houve uma evolução neste campo “para incluir não apenas as imagens masculinas das mulheres, mas também o estudo do histórico da família e análise do trabalho das mulheres em relação aos homens” (JOCHENS, p. 11, 1995, tradução nossa)², abrindo espaço para que o tipo de análise aqui proposta seja realizada e, assim, ampliando o conhecimento já existente sobre as sociedades nórdicas medievais presentes na Islândia. Os recortes espacial e temporal se justificam na medida em que os eventos narrados na Saga escolhida aconteceram na Islândia, entre o final do século X e o início do século XI – embora a Saga de Njáll tenha sido transcrita posteriormente.

Para facilitar o entendimento do leitor de como se desenvolveu esta pesquisa, o artigo foi dividido entre a conceituação da Era Viking, as representações e as mulheres na Literatura Medieval Escandinava, os aspectos do cotidiano dessas mulheres e, por fim, a análise do cotidiano das personagens da Saga.

A Era Viking

A Era Viking é o período, situado entre os séculos VIII e XI, caracterizado pela grande expansão dos povos escandinavos, que abrangeu grande parte da Europa, a América do Norte, parte da Ásia, norte da África e o Mediterrâneo.

² (...) to include not only men's images of women but also the study of family history and analysis of women's work in relation to men's.





A Europa, durante a Alta Idade Média (séculos V a X), passou por diversas mudanças no cenário político. É neste período que temos a ascensão e a queda do Império dos Francos, governados pelas dinastias Merovíngia e Carolíngia. O rei mais famoso deste período foi Carlos Magno, coroado Imperador do Ocidente pelo papa Leão III, no Natal do ano 800 d. C., pois ele possuía “interesses diretos na configuração de um império sólido e centralizado” (CALAINHO, 2014, p. 29). A administração de Carlos Magno evitou a regionalização do império através da centralização do poder, dado que as células administrativas criadas anteriormente eram governadas por pessoas que deveriam representar o rei na região em questão, e que “eram remunerados através da concessão de terras (benefício), sendo vassalos do rei” (CALAINHO, 2014, p. 29), além de ter unificado juridicamente o seu império e ter incentivado a cultura e a educação com a abertura de escolas em mosteiros.

A decadência do Império Carolíngio veio a partir da morte de Carlos Magno. No governo de seu filho Luís, o Piedoso, “cessaram as expedições de conquistas territoriais, diminuindo a quantidade de terras a serem doadas, prejudicando, portanto, a reprodução dos laços vassálicos” (CALAINHO, 2014, p. 30). Após sua morte, em 840 d. C., iniciou-se um grande conflito entre seus filhos para decidirem quem o sucederia, que só terminou com o Tratado de Verdun, onde o território carolíngio foi dividido entre os três filhos de Luís, o Piedoso, netos de Carlos Magno. Além disso, outro fator que contribuiu para o declínio do Império dos Carolíngios foram as novas invasões de povos bárbaros na Europa, no século IX, período esse em que um desses povos, os normandos – ou vikings – conquistaram o norte da França e uma parte da Bretanha.

A historiografia escandinava se divide nas vertentes escandinava e inglesa, sendo estes os dois principais ramos de produção de estudos históricos relativos a esses povos nos séculos XX e XXI. Segundo a vertente inglesa, a Era Viking se inicia no ano de 793 d.C., com o ataque ao Mosteiro de Lindisfarne, na costa nordeste da Inglaterra, e se estende até 1066 d. C., com a Batalha de Hastings³. Além de estar situada comumente entre os séculos VIII e XI, a Era Viking também é dividida em dois períodos, sendo estes a Primeira Era Viking, “que se inicia com as incursões hostis, os ataques de surpresa (razias) no final do século VIII e as povoações criadas na região escocesa, britânica e francesa” (LANGER, 2018, p. 212), e a Segunda Era Viking, que tem como principal característica a “criação de dinastias permanentes e do processo intensificado de cristianização” (LANGER, 2018, p. 212).

³ Segundo Langer (2015, p. 165), “o fim do período viking em todo o mundo Ocidental coincide com a passagem do paganismo para o cristianismo”.





O uso do termo Era Viking se dá a partir da década de 1860, quando foi utilizado pelo escritor Frederik Svanberg, e a partir dele outros estudiosos começaram a utilizar a Era Viking como um conceito e um momento fixo na história escandinava. Segundo Langer, por conta das limitações de evidências arqueológicas da cultura material nórdica presente na Alta Idade Média, “a periodização utilizada para a Era Viking proveu de documentos escritos, especialmente as anglo-saxônicas descrevendo os ataques às Ilhas Britânicas” (LANGER, 2018, p. 214-215).

No final do século XIX, o conceito de Era Viking acaba se transformando “em um conceito artístico e político que auxiliou diversos países oitocentistas a moldar sua identidade nacional” (LANGER, 2018, p. 215). Embora as produções acadêmicas mais recentes nas áreas da História e da Arqueologia ainda utilizem o conceito de Era Viking, elas divergem apenas “quanto a cronologia ou a amplitude da diáspora nórdica” (LANGER, 2018, p. 219-220), por conta das contestações acadêmicas surgidas no século XX, período em que alguns estudiosos começaram a sugerir novas implicações para o uso do termo, bem como novas periodizações.

O início da colonização da Islândia, local onde se passam os principais acontecimentos da Saga analisada nesta pesquisa, começou no século IX. Segundo Oliveira (2018, p. 431), instaurou-se uma autarquia no território islandês em 874, sendo “oficializada em 930, com o estabelecimento da primeira *Althing*. [...] O processo de migração massivo foi reduzido após 930, contudo as migrações para a ilha nunca cessaram totalmente”. Durante a Althing de 999, a Islândia se converteu oficialmente ao cristianismo, decisão que acabou por obrigar os islandeses a mudar “seus costumes antigos pelos novos costumes impostos pela coroa norueguesa” (OLIVEIRA, 2018, p. 432), mesmo que nem todos os habitantes tenham alterado tais costumes de imediato, “sendo necessário uma constante presença episcopal na região para sedimentar o cristianismo nos locais” (OLIVEIRA, 2018, p. 432).

A representação das mulheres nas sagas

Ao estudar este período, nos deparamos com diversas fontes escritas para trabalharmos, como a Edda em prosa e a Edda poética, que relatam os “mitos e lendas da Antiga Escandinávia e apresentam os mitos de criação, a origem dos deuses e dos homens e são a fonte mais importante acerca da sabedoria tradicional dos escandinavos”





(CAMPOS, 2016, p. 77), além do relato de Ibn Fadlan⁴, e as Sagas, que fazem alusão ao período da colonização da Islândia por estes povos, na segunda metade do século IX (LANGER, 2018). A partir destas fontes, é possível ter um panorama de vários aspectos da vida das sociedades nórdicas medievais, como suas crenças, seus hábitos alimentares, sua organização social, dentre outros aspectos.

Vários dos aspectos do medievo encontrados hoje em mídias visuais, como jogos, filmes e livros de fantasia, possuem origem nos poemas e narrativas da Literatura da Europa Medieval Ocidental. Isso se dá por esta ser mais estudada e divulgada e, conseqüentemente, mais divulgada, enquanto a Literatura Medieval Escandinava é, em comparação, é pouco estudada e difundida para o público em geral (CAMPOS, 2016).

Escritas durante a Baixa Idade Média, as Sagas são, em sua maioria, de autoria anônima, e eram transmitidas de forma oral. Foram transcritas durante a segunda metade do século XIII, (embora os temas retratados nas Sagas sejam referentes ao período da colonização da Islândia, entre os séculos X e XI) em formato de prosa. Segundo Oliveira (2018, p. 431-432), essas obras “versam sobre elementos antigos (sagas lendárias); os reis noruegueses (sagas reais); conflitos familiares e vendetas (sagas de família) a vida de bispos e santos (sagas dos bispos); e histórias de cavalaria (sagas cavaleirescas)”. Outros documentos importantes produzidos na Islândia da Era Viking foram as poesias escáldicas, a *Landnámabók*, a *Íslendingabók* e as já citadas Eddas. Muitos destes documentos escritos são creditados a Snorri Sturluson⁵, incluindo o *Heimskringla*, o compilado de relatos das vidas dos reis noruegueses.

As narrativas das Sagas podem possuir apenas uma pessoa como protagonista, ou se concentrar em um determinado grupo, como uma família, sendo seu enredo desenvolvido a partir de “uma série de conflitos encadeados de forma que a solução de cada um deles constitui o início de outro e podem gravitar em torno da defesa da honra, da *vendetta*, aventuras em terras estrangeiras ou então de obter compensações por algo ou alguém perdido ou então molestado” (CAMPOS, 2016, p. 76). Quanto à estrutura, as Sagas possuem uma linguagem simples em relação à sua composição, onde o narrador

⁴ O viajante Ahmad Ibn Fadlan foi um enviado, entre os anos 921 e 922 d.C., como representante do califado árabe para “enviar dinheiro e um grupo de emissários para que instruísem o reino dos eslavos na lei e na fé islâmicas” (FADLAN, 2019, p.10). Em sua jornada, registrou seu relato sobre os povos que encontrou e seus costumes. No entanto, “em momento algum ele explicita se o relatório era uma de suas tarefas ou uma espécie de diário pessoal. A única introdução ao relato é a afirmação inicial de que este é um livro sobre aquilo que o autor viu” (FADLAN, 2019, p.10).

⁵ Snorri Sturluson foi o *skáld* (poeta) mais importante da história. Nascido em 1179, era membro de uma importante família islandesa, e se tornou “um dos homens mais ricos e de maior prestígio político na Islândia, vindo a ser *lögusögumaðr*, recitador das leis, na Alþing entre 1215-1218 e 1222-1231 (ou 1235)” (MIRANDA, 2015, p. 476).





faz uma descrição distante e objetiva dos fatos narrados, de forma que não há, de acordo com Campos (2016, p. 75),

comentário ou juízo de valor sobre qualquer acontecimento ou personagem e nem se aprofunda na psique das personagens. [...] Muitas dessas sagas são prosométricas: a prosa é intercalada [sic] com a poesia e apresentam poemas que podem remeter a uma fala de algum personagem, a um poema laudatório em homenagem a algum personagem que apenas é mencionado no decorrer da trama mas, não é necessariamente, um personagem ativo, para relembrar os feitos ocorridos anteriormente, para saudar os antepassados ou honrar as conquistas e batalhas futuras. O cenário onde decorre a ação descrita nas narrativas geralmente são as Ilhas Britânicas e a Escandinávia, este último o local de onde partiram as expedições de pilhagem e colonização para as novas terras. Estes locais aparecem nas Sagas com descrições pouco detalhadas dos locais onde se desenrola a ação narrativa pois, essa é uma característica dessas narrativas compostas na Idade Média: ao apresentarem um texto com poucas descrições facilitava a sua memorização e conseqüentemente a sua transmissão para um público que não dominava a leitura e a escrita e portanto, conhecia essas narrativas na sua forma oral o que facilitava a memorização e, conseqüentemente [sic] a divulgação para um maior número de pessoas.

As Sagas Islandesas, também conhecidas como Sagas de Família, retratam as disputas, os costumes e a vida da comunidade islandesa (GUIMARÃES, 2016), e possuem uma grande presença feminina em sua narrativa. Este artigo se desenvolve a partir de uma destas Sagas, a Njáls saga, ou Saga de Njáll, uma saga islandesa de autoria desconhecida, que retrata a Islândia entre os anos 960-1020 d.C. (ANTÓN, 2018), cuja tradução para o português se encontra na tese de doutorado *Brennu-Njáls saga: Projeto Tradutório e Tradução para o Português*, defendida em 2014 pelo então doutorando Théo de Borba Moosburger. A trama desta Saga narra a história de amizade entre Gunnarr Hámundarson e Njáll Þorgeirsson, e como as disputas entre suas famílias (suas esposas, mais especificamente) levaram a morte de Njáll, durante o incêndio em sua fazenda. Os acontecimentos do enredo se passam na Islândia, nas Ilhas Britânicas, na Irlanda e nos países escandinavos, o que levou estudiosos a considerarem a Njáls Saga como “uma mera sucessão de pequenas unidades temáticas, sem muita conexão entre elas” (ANTÓN, 2018, p. 529).

Para estudar a Saga de Njáll é preciso ter cuidado, como descrito por Antón (2018, p. 528), com “sua historicidade, das fontes utilizadas para sua confecção, do que se supõe serem os componentes originais da saga, assim como da intenção do autor de elaborar uma obra de caráter cristão”, uma vez que esta só foi transcrita posteriormente, na





segunda metade do século XIII, numa época em que a Islândia já havia sido convertida ao cristianismo.

Desta forma, o que encontramos nestas fontes são as representações destes povos, de acordo com a visão daqueles que as escreveram, ou transcreveram. Chartier (1991, p. 177) considera “não haver prática ou estrutura que não seja produzida pelas representações, contraditórias e em confronto, pelas quais os indivíduos e os grupos dão sentido ao mundo que é o deles”. Ou seja, segundo Chartier, “representação” é o que resulta de uma prática social, ou seja, o seu produto. Para ele, os objetos e textos não nos apresentam fatos, mas sim a representação destes fatos de acordo com as práticas sociais daqueles que produziram tais fontes históricas. Nesse sentido, as Sagas podem ser analisadas como representações baseadas na visão de seus respectivos escritores, uma vez que, nas palavras de Chartier (1991, p. 180-181),

por um lado, a transformação das formas através das quais um texto é proposto autoriza recepções inéditas, logo cria novos públicos e novos usos. Por outro, a partilha dos mesmos bens culturais pelos diferentes grupos que compõem uma sociedade suscita a busca de novas distinções, capazes de marcar os desvios mantidos.

Estas representações podem muitas vezes ser modificadas por outras pessoas, fazendo com que estas sejam apresentadas de formas diferentes ao público – que, por sua vez, as reinterpreta de acordo com o contexto em que se insere e com suas próprias práticas culturais. Para entender como estas representações se relacionam com o objeto que representam, é preciso recorrer “ao contexto (econômico, social e político) e ao texto (discurso sobre aquele contexto), operando a linguagem como meio da representação” (MAKOWIECKY, 2003, p. 6). uma vez que esta possui “uma relação indissociável entre sujeito e objeto” (JODELET, 2018, p.431), que permite que a identidade do sujeito seja evidenciada.

Desta forma, o objetivo deste trabalho é analisar a representação feminina presente na Saga de Njáll, de modo que se faz necessário explicitar o conceito de gênero aqui utilizado. Os estudos de gênero sobre a Era Viking, em sua maioria, voltam-se a focar nas mulheres, como as pesquisas de Judith Jesch (*Women in the Viking Age*, 1999) e o de Jenny Jochens (*Women in Old Norse Society*, 1995), por conta da influência do campo da história das mulheres, embora existam estudos sobre o homem e a masculinidade neste período. O campo de pesquisa da história das mulheres surgiu durante a década de 1970, ganhando força como campo de pesquisa em 1980, por conta da ampliação das possibilidades de fontes históricas e metodologias para trabalhar com elas, permitindo





que os historiadores incluíssem, dentro da narrativa histórica, possibilidades de pesquisa tanto no espaço público quanto no espaço doméstico (privado) mostrando o cotidiano das pessoas “comuns”. Neste período, as historiadoras começaram a apontar que a narrativa histórica apresentada até então não contemplava as mulheres, colocando-as com um papel secundário na construção dessa narrativa, apagando deliberadamente a participação feminina em grandes eventos históricos. Com isso, essas mulheres começaram a pesquisar a vida das mulheres que até então haviam sido excluídas da história. Tais pesquisas podem ser realizadas a partir da análise de acordo com costumes, comportamentos, vestimentas, divisões de trabalhos, e expressões sociais e literárias. Além disso, há estudos que investigam a forma como as mulheres se expressam nas fontes literárias, o que vai de encontro à realidade histórica.

O cotidiano da mulher na sociedade nórdica medieval

A sociedade nórdica medieval era, em geral, dividida entre os homens livres e os que não eram livres, sendo que os primeiros, além de serem protegidos pelas leis, possuíam o direito de portar armas e falar nas *Things*⁶, enquanto os escravos possuíam poucos direitos e eram vistos como bens móveis (LANGER, 2018). Segundo Silva (2009), não existe um conceito definitivo para o termo “cotidiano” nas ciências humanas. Contudo, o autor cita que, para Agnes Heller, “a vida cotidiana está no centro do acontecer histórico, e ela seria a própria substância da história” (HELLER, 1992 apud SILVA, 2009, p.77), delimitando as partes que constituem a vida cotidiana como a organização do trabalho e da vida privada, os lazeres e o descanso, a atividade social sistematizada, o intercâmbio e a purificação. Silva ainda cita a definição de Michel de Certeau sobre cotidiano, afirmando que o cotidiano é composto de numerosas práticas ordinárias e inventivas e não seguem necessariamente padrões impostos por autoridades políticas ou institucionais. Desta forma, “o cotidiano só pode ser pensado como um lugar prenhe de interpretações, de desvios que transformam os sentidos reais em sentidos figurados”, de modo que pessoas comuns, em seu cotidiano, poderiam “subverter a racionalidade do poder, agindo de forma sub-reptícia e engenhosa” (CERTEAU, 2002 apud SILVA, 2009, p. 77).

Neste artigo, objetiva-se voltar o olhar para o cotidiano feminino destas sociedades. Nas sagas de família, o foco das narrativas são os feitos masculinos, enquanto

⁶ Assembleias onde discutiam-se a justiça e as leis.





as personagens femininas “desempenhavam apenas papéis secundários, sendo descritas como possuidoras de uma personalidade forte e marcante” (CAMPOS, 2018, P. 514), além de serem também ressaltadas por sua beleza e grande sabedoria. Como explicado por Jochens (1995, p. 10, tradução nossa)

embora as próprias vozes das mulheres não possam ser separadas desse coro predominantemente masculino, a miríade de figuras femininas geradas por autores masculinos se agrupa prontamente em dois grupos. O primeiro grupo inclui retratos de figuras divinas e mulheres heróicas das quais estas se baseiam em percepções e eventos na Europa continental. Essas imagens foram criadas por poetas do sexo masculino e, posteriormente, elaboradas por escritores em prosa. O segundo grupo oferece descrições comparativamente mundanas de mulheres comuns em ambientes pagãos e cristãos na Islândia na Noruega; essas imagens foram construídas por autores do século XIII e historiadores a partir de suas observações da sociedade contemporânea e combinadas com tradição oral e deduções sobre o mundo de seus ancestrais pagãos.⁷

A maior parte das atividades presentes no cotidiano dessas sociedades eram divididas com base no gênero. O gênero, para Tilly, é a classificação cultural entre masculino e feminino. Em seu artigo *Gênero, história das mulheres e história social* (1994), a autora atenta para o fato de que os estudos de gênero não devem servir apenas para “acrescentar materiais sobre mulheres e gênero sem analisar suas implicações” (TILLY, 1994, p. 29), mas sim incorporar seus estudos aos já existentes de forma analítica, utilizando o gênero como uma categoria de análise, pois a autora acredita que somente dessa forma “a história das mulheres terá possibilidades de modificar o quadro geral da história no seu conjunto” (TILLY, 1994, p. 30). Já para Scott, gênero indica as relações sociais, mas não explica como estas são construídas. Para ela, “o gênero é um campo primário no interior do qual, ou por meio do qual, o poder é articulado” (SCOTT, 1995, p. 88), sendo também um elemento de construção das relações sociais, fundamentando-se nas diferenças sexuais, ou seja, a historiadora caracteriza gênero como

a organização social da diferença sexual. O que não significa que gênero reflita ou implemente diferenças físicas fixas e naturais entre homens e mulheres mas sim que gênero é o saber que estabelece significados para as diferenças corporais. Esses significados variam de

⁷ Although women's own voices cannot be separated from this predominantly male chorus, the myriad of female figures generated by male authors do divide readily into two groups. The first group includes portraits of divine figures and heroic women of which the latter are based on perceptions and events in Continental Europe. These images were created by male poets and later elaborated by prose writers. The second group offers comparatively mundane descriptions of ordinary women in both pagan and Christian settings in Iceland and Norway; these pictures were constructed by thirteenth-century authors and historians from their observations of contemporary society and combined with oral tradition and deductions about the world of their pagan ancestors.





acordo com as culturas, os grupos sociais e no tempo, já que nada no corpo, incluídos [sic] aí os órgãos reprodutivos femininos, determina univocamente como a divisão social será definida (SCOTT, 1994, p. 13).

De acordo com o Núcleo de Estudos Vikings e Escandinavos (2020), as fontes literárias e arqueológicas podem indicar que algumas mulheres podem ter assumido uma posição de liderança fora do ambiente familiar, ou seja, em batalhas, mas é preciso ter cuidado com estas afirmações, pois ainda há muito o que ser estudado sobre este assunto. De modo geral, a divisão do trabalho se dava, geralmente, com as mulheres cuidando dos assuntos do casal e de dentro de casa, como cozinhar, fazer fogo e preparar cerveja (mesmo em dias considerados sagrados após a conversão ao cristianismo, como o Natal), e os homens, das questões de fora da casa. Contudo, as mulheres também estavam envolvidas com trabalhos que não eram necessariamente realizados dentro de casa como ordenhar os animais e preservar os excedentes das plantações. “No cotidiano das sagas, as mulheres estavam, de fato, envolvidas em praticamente todas as tarefas ao ar livre, inclusive a criação de animais” (JOCHENS, 1995, p. 121, tradução nossa), ou seja,

a distinção básica entre o trabalho masculino e feminino era que os homens exploravam a natureza diretamente, trazendo de volta grãos e feno, animais abatidos, peixes e ovos, enquanto o trabalho feminino consistia principalmente em processar e converter os resultados do trabalho masculino para consumo de curto e longo prazo. Algumas dessas tarefas eram realizadas ao ar livre, outras dentro da casa (JOCHENS, 1995, p. 120, tradução nossa).⁸

Outros fatores influenciavam as divisões e cargas de trabalho, como o status social de ambos os gêneros, ou o luto. “Quanto mais baixa a posição [social] de uma mulher, mais difícil é seu trabalho, que sem dúvida inclui tarefas masculinas” (JOCHENS, 1995, p. 121, tradução nossa)⁹. Além disso, o luto também poderia influenciar a carga de trabalho, uma vez que “enquanto os homens se entregavam ao luto” se permitindo ter tempo e atividades de lazer para lidar com suas perdas, “as mulheres garantiam que a vida continuaria” (JOCHENS, 1995, p. 113, tradução nossa)¹⁰ ocupando seu tempo com tarefas diárias para lidar com a dor do luto.

⁸ The basic distinction between male and female work was that men exploited nature directly, bringing back grain and hay, slaughtered animals, fish and eggs, whereas women's work primarily consisted of processing and converting the results of male work for short-term consumption and long-term preservation. Some of these tasks were performed outdoors, others inside the house.

⁹ The lower a woman's position, the harder her work, which doubtless included male tasks.

¹⁰ As men indulged their grief, women assured that life continued.





Os jovens, apesar de viverem com seus pais, deveriam encontrar trabalho em outras casas a partir de uma determinada idade (16 anos para os homens, 20 anos para as mulheres). Se estavam aptos economicamente para se casar, o objetivo do casal era obter uma casa independente de suas famílias. “As famílias conjuntas eram temporárias. Uma nora, por exemplo, raramente se mudava para a casa da família de seu marido, a menos que sua sogra não estivesse mais viva” (JOCHENS, 1995, p. 117, tradução nossa)¹¹.

A autora afirma que a escassez de grãos na Islândia fez com que o pão não se tornasse um alimento básico da dieta dos islandeses, ao contrário do restante da Europa. Os grãos eram diluídos para fazer mingau, ao invés disso, e eram utilizados também para a fabricação de cerveja, uma tarefa geralmente realizada por mulheres – embora em alguns casos fosse necessário o auxílio masculino. A produção masculina de cerveja era exigida na Thing, onde poucas mulheres participavam (uma vez que a maioria delas ficavam em suas casas, cuidando das fazendas), e havia uma grande demanda pela bebida. O peixe era extremamente importante na dieta islandesa, uma vez que este era abundante em lagos, riachos e no oceano. Os peixes eram preservados secos dentro de casa e em ilhas. A pescaria era tão importante quanto o trabalho feminino, mas ambos não eram considerados memoráveis. Na Islândia, os laticínios eram mais valorizados do que a carne. Contudo, em períodos de escassez, os derivados de grãos saíam do cardápio, e o foco era a alimentação dos animais (feno) para garantir manteiga e queijo. Quando o feno acabava, a única opção restante era abater os animais (papel masculino) e se alimentar da carne (cortada e preparada por mulheres). Quando não havia mulheres presentes, os homens preparavam seus próprios alimentos. Desta forma, é possível perceber que era necessária a cooperação no trabalho entre homens e mulheres para que as fazendas – e, conseqüentemente, a sociedade como um todo – funcionasse.

Segundo Jochens (1995), os relatos das sagas possuem mais descrições de jogos do que bebidas nos momentos de lazer dos islandeses, em contraste com outras regiões da escandinávia, embora todas as comemorações importantes e privadas fossem celebradas com bebidas, como casamentos, nascimentos e funerais. Nesses momentos de lazer, a divisão sexual de esportes e jogos é perceptível na medida em que os homens ficavam com os jogos que exigiam maior força física, enquanto as mulheres possuíam distrações que exigiam mais o cérebro.

Alguns dos jogos e esportes mais comuns na Islândia da Era Viking eram os jogos de tabuleiro (embora as mulheres não jogassem juntas), e a natação focada não na rapidez,

¹¹ Joint households were temporary. A daughter-in-law, for example, rarely moved into the house of her husband's family unless her mother-in-law was no longer alive.





mas no tempo de resistência embaixo d'água, além das atividades sazonais, como as “feiras de cavalos” no verão, onde os homens duelavam montados em cavalos e o knattleikr, um jogo parecido como o hockey, jogando com times de homens durante no inverno.

As mulheres na Saga de Njáll

Aqui, será dado enfoque para a trajetória e as ações de cinco personagens: Unnr, Gunnhildr, Hallgerðr, Bergþóra e Rannveig. Ao longo da Saga, é possível observar o papel da mulher com relação a sua família (como incitadora e mediadora) e o trabalho, administrando a casa e as outras pessoas que trabalham nas fazendas.

Filha de Mǫrðr Rabeca, Unnr é descrita como “uma mulher bela e cortesa e muito ensinada, e tida como o melhor partido de Rangárvellir” (MOOSBURGER, 2014, p. 95). Unnr é prometida a Hrútr, mas o casamento é adiado por conta da morte de um parente dele, que lhe deixou uma herança na Noruega. Nesta viagem, Hrútr é recebido pelo rei Haraldr Casaco-Cinza e por sua mãe, Gunnhildr. Hrútr tem um relacionamento com Gunnhildr durante o período em que vive na corte de Haraldr, com ela mediando seu encontro com o rei, e ajudando Hrútr a recuperar sua herança. No aspecto familiar, as mulheres aconselhavam os homens, e estes geralmente levavam em consideração suas opiniões ao tomarem as decisões que eram impostas a eles. Estas decisões poderiam incluir propostas de casamentos, como veremos mais adiante, ou neste caso, em que o rei escuta os conselhos de sua mãe quanto a permitir que os pedidos de Hrútr sejam atendidos. Quando ele decide voltar à Islândia, pois a data que fora acordada para seu casamento com Unnr se aproxima, ele se recusa a contar a Gunnhildr sobre sua noiva, afirmando que não há uma mulher o esperando nas terras do oeste. No momento de sua partida, Gunnhildr entregou a ele um bracelete, como presente de despedida, mas também o amaldiçoou para que não fosse feliz com sua noiva.

Ela lhe envolveu o pescoço com o braço e o beijou e falou: “Se eu tenho tanto poder sobre ti quanto julgo, condeno-te a nunca poderes obter prazer com a mulher que vais encontrar na Islândia, mas poderás realizar teu desejo com outras mulheres. E assim nenhum de nós ficará bem: tu não me confiaste a questão.” Hrútr riu e foi embora. (MOOSBURGER, 2014, p. 103)





Sobre a magia nórdica, Langer explica que

o termo mais comum para magia nas fontes nórdicas é *fjölkyngi* (conhecimento). As duas técnicas mágico-religiosas mais mencionadas na literatura escandinava medieval são o *seiðr* (canto), ritual de ter divinatório e xamânico, e o *galdr* (sons mágicos), utilizado em operações curativas e encantamentos. Ambas as técnicas podem ser mencionadas como tendo sido executadas pelas mesmas agentes, como as *seiðkonas* (mulheres praticantes do *seiðr*), *galdrakonas* (mulheres praticantes do *galdr*) e as *völvur* (profetisas). O padrão que percebemos claramente é a utilização de sons, canções ou poesias mágicas, assentadas sobre fórmulas específicas para o contexto de uma plateia, repletas de conteúdo mitológico e religioso. Tanto o *seiðr* quanto o *galdr* foram relacionados a atividades de preservação da ordem (curas, profecias, controle do clima e da natureza), como para malefícios (controle, desilusão, assassinato, maldições). (LANGER, 2015, p. 293)

| 192

A magia da *völvur* também era observada em momentos de lazer, como os momentos de contação de histórias. Jochens afirma que estes momentos geralmente envolviam grupos maiores, com as mulheres comuns contando histórias do passado em lugares privados, e as “profetizas” (*völvur* no plural, *völvur* no singular) contando previsões para o futuro em lugares públicos. Com exceção da *völvur*, apenas os homens poderiam contar histórias em público. Desta forma, a ligação com a magia, embora não fosse algo exclusivamente feminino (uma vez que, dentro da própria Saga, o tio materno de Hallgerðr, Svanr, é visto utilizando magia), era mais comum entre as mulheres. Entretanto, Campos (2018, p. 515) menciona que “caso um homem se aventurasse pelas searas da magia, seria considerado um infame”. Ao retornar para a Islândia, Hrútr enfim se casa com Unnr, e a maldição de Gunnhildr se concretiza: apesar de gostarem um do outro, eles não conseguem ter relações sexuais, e a frustração leva Unnr a pedir a ajuda de seu pai, “um grande advogado em processos legais” (MOOSBURGER, 2014, p. 95), para se divorciar de Hrútr.

Dentre os direitos que possuíam, as mulheres islandesas deste período podiam pedir o divórcio com mais facilidade do que em outras regiões da Europa no mesmo período, além de herdar os bens de seus parentes homens, tendo a possibilidade de se tornarem viúvas ricas, por exemplo. Unnr consegue o divórcio, mas seus bens ficam na fazenda de seu ex-marido. Seu pai, então, é desafiado a um duelo para reaver seus bens, mas é aconselhado a não lutar por conta de sua idade, o que traz grande desonra para si. Após a morte de seu pai, ela herda todas as suas posses, mas perde quase tudo por ser “pródiga e inconstante com as finanças” (MOOSBURGER, 2014, p. 112). Por isso,





pede ajuda a seu primo Gunnarr, incitando-o a reabrir o caso de seus bens que ficaram com Hrútr, mesmo que Gunnar tenha relutado em reabrir o caso.

“Desejo que tu reivindiques os meus bens junto a Hrútr,” ela diz. “Isso não me parece exequível,” ele diz, “uma vez que o teu pai não conseguiu recuperar teus bens, e ele era um grande conhecedor das leis, ao passo que eu as conheço pouco.” “Hrútr contendeu muito mais com valentia do que com jurisprudência,” ela diz, “e meu pai estava velho, e os homens julgaram aconselhável que os dois não pelessem. E não há mais ninguém na minha família que possa assumir este caso, se tu não tens coragem para fazê-lo.” “Eu ousarei,” ele diz, “reivindicar esses bens, mas não sei como se deve reabrir o caso.” (MOOSBURGER, 2014, p. 123-124)

| 193

Após reaver os bens de Unnr com a ajuda de Njáll, Gunnarr os entrega a sua prima, afirmando poder contar com ela e seus parentes no futuro. Unnr se casa depois com Valgarðr sem a aprovação de seus parentes. O filho deles, Mǫrðr, continua a aparecer na Saga; no entanto, é dito que Unnr morre.

Já Hallgerðr é descrita como uma mulher alta e muito bela (e, por isso, é conhecida como Hallgerðr Manto-Longo), mas também “impetuosa e de temperamento duro” (MOOSBURGER, 2014, p. 108). É dito também que é pródiga na administração da casa. No decorrer da Saga, ela se casa três vezes, e seus maridos acabam morrendo por suas ações indiretas. Seu primeiro casamento é, num primeiro momento, acordado sem seu conhecimento, negociado por seu pai Hǫskuldr e seu tio Hrútr. Posteriormente, seu pai de criação Þjóstólfr garante que ela seja dada em casamento uma segunda vez, com o seu consentimento. Þjóstólfr acompanha sua filha após o casamento para a fazenda de seu marido Þorvaldr. Após uma discussão, Þorvaldr bate em seu rosto, e Hallgerðr incita seu pai a vingá-la, o que resulta na morte de seu marido.

Agora conta-se de Hallgerðr que ela estava sentada fora de casa com semblante abatido. Þjóstólfr se lhe achegou e viu que seu rosto estava machucado, e falou: “Por que estás assim maltratada?” “Þorvaldr é o responsável por isso, o meu marido,” disse ela, “e tu não estavas ao meu lado, se é que dás alguma importância a mim.” “Eu não sabia,” diz ele, “contudo hei de vingar isso.” (MOOSBURGER, 2014, 111).

Seu segundo casamento, com Glúmr, se dá de forma mais amigável, e Hallgerðr é consultada sobre a negociação. Após a negociação, Hallgerðr não assume a função de administrar o lar, possivelmente por ter sido sua prodigalidade o motivo da briga e posterior assassinato de seu primeiro marido. Hallgerðr e Glúmr têm uma filha, de nome Þorgerðr. Durante a narração dos acontecimentos deste casamento, podemos observar





então Hallgerðr no papel de mediadora, quando seu pai adotivo aparece pedindo sua ajuda.

Þjóstólfr cavalgou até que chegou a Varmalækur; lá encontrou boa recepção de Hallgerðr, e não má de Glúmr. Disse a Hallgerðr que seu pai o expulsara, e pediu-lhe proteção. Ela lhe respondeu dizendo que não poderia prometer-lhe abrigo lá antes que fosse ao encontro de Glúmr. “As coisas vão bem entre vós dois?” ele diz. “Estamos bem enamorados,” diz ela. Depois disso, foi ela ter com Glúmr, e envolveu-lhe o pescoço com o braço e falou: “Tu me concederás um pedido que tenho para fazer-te?” “Conceder-to-ei, se te for honroso,” diz ele, “mas qual é o pedido?” Ela falou: “Þjóstólfr foi expulso de casa lá do oeste, e eu gostaria que tu lhe permitisses permanecer aqui. Mas não desejo opor-me, caso a ideia não te agrade.” “Agora que te portas tão bem, conceder-te-ei o pedido, mas te digo que, se ele vier a portar-se mal, será mandado embora imediatamente.” Ela vai até Þjóstólfr e lhe conta isso. Ele respondeu: “Tu ages bem como sempre, conforme era esperado.” (MOOSBURGER, 2014, p.119)

Glúmr, no entanto, é morto por Þjóstólfr após uma discussão entre eles, em que Hallgerðr defende seu pai de criação, e Glúmr lhe dá um tapa. Ela chora por conta do ocorrido, e seu pai, ao vê-la, se vinga de Glúmr. Hallgerðr então ajuda o pai a fugir, como da última vez, mas este é morto por seu tio Hrútr.

O terceiro casamento de Hallgerðr é o mais duradouro. Ela se casa por vontade própria¹² com Gunnarr, primo de segundo grau de Unnr, mesmo que Njáll não goste da ideia e o noivo tenha sido avisado sobre seu temperamento. Durante a festa de casamento, é feita a negociação do noivado de Þorgerðr, filha de Hallgerðr com Þráinn, tio de Gunnarr, com o consentimento das duas. O consentimento das noivas não era algo incomum nos acordos de casamento (embora só tenha se tornado de fato uma regra após a conversão islandesa ao cristianismo), com os parentes homens perguntando à noiva se ela concordava com o matrimônio - em alguns casos, também era considerado o consentimento (ou não) da mãe sobre a união, como no caso do casamento de Þorgerðr, em que sua mãe é consultada sobre o assunto. Jochens (1995, p. 47, tradução nossa) aponta que “Quando os pais ou outros parentes do sexo masculino consultavam as meninas, eles aparentemente levavam suas opiniões a sério. [...] Na maioria das vezes, no entanto, as meninas cederam aos desejos de seus pais.¹³ Neste caso, contudo, elas só são consultadas depois dos homens terem feito o acordo de casamento. Isto pode ser

¹² Quando Gunnarr cavalga para a *Thing*, ele encontra Hallgerðr, e os dois conversam durante algum tempo. Durante esta conversa, ele pergunta se ela está solteira, e se deseja se casar com ele. Ela aceita, e então Gunnarr vai negociar o acordo com o pai de Hallgerðr.

¹³ When fathers or other male relatives consulted the young girls, they apparently took their opinions seriously. [...] Most often, however, girls yielded to their father's wishes.





explicado pelo fato de que “o alegado direito [ao consentimento] muitas vezes só surgia indiretamente depois de ser ignorado” (JOCHENS, 1995, p. 47, tradução nossa)¹⁴.

Hallgerðr fica responsável pela administração da casa, e é descrita como pródiga novamente pelo narrador. Jochens aponta que, nas sagas, era comum que após o casamento, o homem entregasse as questões da família para uma mulher, seja ela sua esposa ou outra mulher responsável, a governanta. O papel de governanta era “a única posição feminina de prestígio em uma fazenda” (JOCHENS, 1995, p. 116, tradução nossa)¹⁵. O trabalho, seja ele dentro de casa ou fora dela, tomava grande parte do tempo das mulheres. Cozinhando, tecendo, limpando, cuidando de sua família e da administração das fazendas, o trabalho destas mulheres era essencial para a sobrevivência dos islandeses da Era Viking.

No inverno, se hospeda na casa de Njáll junto com seu marido, mas após uma discussão com a esposa de Njáll, Bergþóra, volta para casa. Tem início então uma série de assassinatos, que ocorrem durante o verão, quando Gunnarr e Njáll cavalgam para a *Thing*, e são incitados ora por Hallgerðr, ora por Bergþóra, enviando escravos, empregados e parentes próximos para cumprir suas ordens. Quando Gunnarr decide não abrir caso pelas morte de um parente e seu companheiro de viagem, Hallgerðr fica furiosa, e tenta incentivá-lo a se vingar, mas ele acaba por resolver tudo pacificamente com Njáll. Resolvida a trama dos assassinatos, Hallgerðr traz com outro problema para Gunnarr: ela manda que um escravo comprado recentemente vá até a fazenda de seu antigo senhor, Otkell, para roubar comida, pois faltava em sua fazenda. Gunnarr estava então fora de casa, na *Thing*, e quando retorna, estranha a comida que é servida.

Hallgerðr levou comida à mesa, e serviu também queijo e manteiga. Gunnarr sabia que não se poderia esperar por esses alimentos lá, e perguntou a Hallgerðr de onde vinha aquilo. “De onde tu podes bem comer,” diz ela, “afinal não é assunto para um homem preocupar-se com o preparo de alimentos.” Gunnarr enfureceu-se e falou: “A coisa vai mal se estou desfrutando de algo roubado,” – e dá-lhe um tapa no rosto. Ela disse que se lembraria daquele tapa e que o repagaria, se pudesse. Ela se retirou, e ele a acompanhou, e então tudo que estava na mesa foi recolhido e depois foi trazida carne, e todos julgaram que isso havia sido feito porque a carne fora obtida de maneira melhor. (MOOSBURGER, 2014, p.162)

Mais tarde, quando é descoberta a verdade, o caso é levado a julgamento, e Gunnarr consegue resolver a situação, de modo que “obteve muita honra deste caso”

¹⁴ The alleged right often surfaced indirectly only after it had been ignored.

¹⁵ The housekeeper was the single prestigious female position on a farm.





(MOOSBURGER, 2014, p. 168). No entanto, Hallgerðr lembra da briga e do tapa de Gunnarr, se vingando anos mais tarde, quando os inimigos dele atacam sua fazenda. Gunnarr havia sido sentenciado a passar “três invernos” longe da Islândia, por conta do assassinato dos filhos de Otkell e de Starkarðr, mas decide ficar. Hallgerðr fica feliz, mas a mãe de Gunnarr, Rannveig, não gosta da decisão, pois sabe que isso trará a morte de seu filho. Quando a fazenda é atacada, Gunnarr pede a Hallgerðr que corte uma madeixa de seus cabelos e entregue para sua mãe trançar e utilizar a madeixa como corda para o arco. Ela nega, como retaliação pelo tapa, e Gunnarr morre. Podemos observar novamente Hallgerðr, não podendo ela mesma revidar diretamente contra uma violência, faz com que outros homens matem seu marido, cumprindo seu desejo - assim como em seus casamentos anteriores. Temos, em seguida, a descrição do luto de Rannveig, com sua reação a um dos inimigos de Gunnarr pedir a ela que cedesse um pouco do terreno para enterrar seus companheiros, além de não deixar que a alabarda de seu filho fosse sepultada junto com o corpo, afirmando que esta só será empunhada pelo homem que vingar sua morte. O narrador destaca ainda que “ela portava-se tão dura com Hallgerðr que por pouco não a matou, e acusou-a de ter causado a morte de seu filho” (MOOSBURGER, 2014, p. 202). Hallgerðr vai então para a fazenda em que sua filha mora, junto com um de seus filhos, Grani, que possui o temperamento de sua mãe, enquanto seu outro filho, Hogni, mais parecido com Gunnarr, fica com sua avó, e é encorajado por ela a vingar seu falecido pai.

Hogni apanha a alabarda, e, ao ser despendurada, ela tilintou alto. Rannveig sobressaltou-se, muito furiosa, e perguntou: “Quem pega a alabarda, que eu proibi a todos de portarem?” “Eu pretendo,” diz Hogni, “levá-la a meu pai, para que a tenha em Valhøll e a empunhe lá no congresso de armas.” “Antes disso, agora, tu a empunharás e vingarás teu pai,” diz ela, “pois a alabarda anuncia a morte de um homem, de um ou de mais.” (MOOSBURGER, 2014, p. 203-204)

Mesmo após a questão dos assassinatos intercalados ter se resolvido, a inimizade entre Bergþóra e Halgerðr perdura na Saga, pois Bergþóra fica sabendo, em duas situações distintas, que Halgerðr ridicularizou Njáll e seus filhos, através de fofocas trazidas por mulheres viandantes (quando os apelidos foram criados) e por mendicantes, ao receber essas mulheres em sua casa. Em ambos os casos, instiga seus filhos a pegarem suas armas e se vingarem.

Bergþóra falou, quando os homens estavam à mesa: “Fostes agraciados, pai e filhos, com presentes, e sereis camarados de pouco valor a menos





que os repagueis.” “Que presentes são esses?” diz Skarpheðinn. “Vós, filhos meus, compartilhais todos o mesmo presente: sois chamados de barbas-de-esterco, já meu marido é chamado de o velho imberbe.” “Não temos o temperamento de mulheres,” diz Skarpheðinn, “que com qualquer coisa se enfurecem.” “Contudo, Gunnarr se enfureceu por vossa causa,” diz ela, “e ele é considerado de bom temperamento; e se não vos vingardes disso, jamais haveis de vingar qualquer desonra.” (...) Eles seguiram seu caminho, e Njáll entrou novamente para seu repouso. Ele falou para Bergþóra: “Estavam lá fora teus filhos todos com armas, e tu deves tê-los incitado a algo.” “Mui bem hei de lhes agradecer se me anunciarem a morte de Sigmundur,” diz Bergþóra (Moosburger, 2014, p.156-157).

As mulheres também utilizavam as fofocas para maldizer e insultar outras pessoas, e instigar os homens a tomarem partido nessas situações, muitas vezes resultando em mortes. Desta forma, as ações de Hallgerðr e Bergþóra de mandarem os homens com quem convivem para matarem uns aos outros por conta da rixa que existe entre as duas é compreensível, uma vez que nestas sociedades

as mulheres frequentemente estimulavam os homens a agir (a se vingar, por exemplo) quando estes estavam desestimulados frente a uma situação difícil. As mulheres, em algumas situações, mostram-se mais ávidas para proteger a honra da família, devido ao seu papel passivo. Sem poder partir para a ação, encontravam nas palavras de estímulo a sua arma (CAMPOS, 2018, p. 515).

Halgerðr aparece novamente na fazenda de Þráinn quando os filhos de Njáll vão até lá pedir uma compensação pelos maus-tratos¹⁶ sofridos pelo *jarl*¹⁷ da Noruega. O filho mais velho de Njáll a chama de “velha acabada” e “vadia” quando Halgerðr diz que não eles receberiam boas-vindas de ninguém ali. Pouco antes de partirem, ela os chama de “barbas-de-esterco”, e chama Njáll de “o velho imberbe”, remetendo aos apelidos criados quando Gunnarr ainda era vivo, e afirma que seriam chamados assim dali em diante. Novamente, vemos como as palavras eram utilizadas como arma pelas mulheres, já que os apelidos se espalham e, em momentos posteriores, Njáll e seus filhos são chamados desta forma na *Thing*.

¹⁶ Compensações em dinheiro eram pagas como forma de resolver conflitos entre famílias, como maus-tratos e assassinatos.

¹⁷ De acordo com Langer (2018, p. 646), “Na escandinávia da Era Viking foi desenvolvida uma pequena classe de grandes governantes que tiveram o título de jarl (nobre), que significava provavelmente apenas homem de prestígio.”





Considerações Finais

O objetivo desta pesquisa era entender qual era o cotidiano das mulheres nórdicas inseridas nas sociedades representadas na Saga de Njáll, percebendo qual o papel daquelas mulheres dentro da sociedade islandesa medieval. E, através de suas representações, buscava-se distinguir quais eram seus direitos e sua influência perante a sociedade.

A hipótese levantada antes da pesquisa se confirmou: o cotidiano feminino era voltado para as tarefas domésticas; contudo, o imaginário dessa sociedade considerava a figura feminina como detentora de grande sabedoria e com uma ligação forte com a magia, fazendo com que as mulheres possuíssem grande influência dentro destas sociedades, mas tal influência era indireta, instigando os homens a tomarem determinadas atitudes.

A presença dessas mulheres, apesar de significativamente menor do que a presença masculina, permite observar que, mesmo não podendo falar na *thing*, por exemplo, as mulheres da sociedade islandesa na Era Viking dentro do recorte aqui analisado possuíam grande influência na sociedade, embora de forma indireta. Exemplos disso podem ser observados quando Haraldr Casaco-Cinza seguiu as recomendações de sua mãe quanto a permitir que Hrútr permanecesse em sua corte, e depois que ele partisse para a Islândia, ou quando as personagens são consultadas sobre as negociações de seus casamentos. No fim, é aos homens que recai a responsabilidade de tomar as decisões finais, mas eles costumavam ouvir os conselhos das mulheres. Muitas vezes, a Saga demonstra que as mulheres incitavam os homens a tomar partido em disputas, como Unnr questionando a coragem de Gunnar para reabrir o caso de seus bens, ou Bergþora incitando seus filhos a matarem Sigmundr pelos versos de escárnio que recitara por influência de Hallgerðr - sem contar as inúmeras vezes em que Hallgerðr tenta incitar seu marido contra Njáll durante a narrativa. Além disso, é possível ver também como estas mulheres tinham facilidade para herdar os bens de seus parentes homens ou conseguir o divórcio, como Unnr ao se separar de Hrútr e, algum tempo depois, herdar todos os bens de seu pai, Mǫrðr Rabeca. Mesmo assim, ainda dependiam da intervenção masculina, não podendo reivindicar esses direitos por si só.





REFERÊNCIAS

Fonte Primária:

MOOSBURGER, Théo de Borba. **Brennu-Njáls saga: Projeto Tradutório e Tradução para o Português**. 2014. 442 f. Tese (Doutorado) - Curso de Programa de Pós-graduação em Estudos da Tradução, Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2014. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/132415>. Acesso em: 15 set. 2019.

Bibliografia:

ANTÓN, Teodoro Manrique. **Njáls saga**. In: LANGER, Johnni (Org.). **Dicionário de História e Cultura da Era Viking**. São Paulo: Hedra, 2018. p. 528-531.

CALAINHO, Daniela Buono. **História Medieval do Ocidente**. Petrópolis: Vozes, 2014. (Série História Geral).

CAMPOS, Luciana de. **Literatura**. In: LANGER, Johnni; AYOUB, Munir Lutfé (org.). **Desvendando os Vikings: estudos de cultura nórdica medieval**. Estudos de cultura nórdica medieval. João Pessoa: Ideia, 2016. p. 70-83. Disponível em: https://www.academia.edu/29801852/Desvendando_os_vikings_estudos_de_cultura_n%C3%B3rdica_medieval_Unraveling_the_vikings_studies_of_medieval_norse_culture_Jo%C3%A3o_Pessoa_Id%C3%A9ia_2016_ISBN_978_85_463_0144_7_Organizado_por_Johnni_Langer_e_Munir_Lutfé_Ayoub. Acesso em: 02 abr. 2020.

CAMPOS, Luciana de. **Mulheres**. In: LANGER, Johnni (Org.). **Dicionário de História e Cultura da Era Viking**. São Paulo: Hedra, 2018. p. 644-647.

CHARTIER, Roger. **O mundo como representação**. Estudos Avançados, São Paulo, v. 5, n. 11, p.173-191, abr. 1991. Tradução de Andrea Daher e Zenir Campos Reis. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ea/v5n11/v5n11a10.pdf>. Acesso em: 25 mar. 2020.

FADLAN, Aḥmad Ibn. **Viagem ao Volga**. 2. ed. São Paulo: Carambaia, 2019. Tradução de: Pedro Martins Criado.

GUIMARÃES, Paulo. **Os Escandinavos**. São Paulo: Contexto, 2016. 240 p. (Povos e Civilizações).

JOCHENS, Jenny. **Women in Old Norse Society**. Ithaca: Cornell University Press, 1995. Disponível em: https://books.google.com.br/books?id=2uKpBQAAQBAJ&pg=PT6&hl=ptBR&source=gbs_toc_r&cad=3#v=onepage&q&f=false. Acesso em: 25 mar. 2020.

JODELET, Denise. **Ciências sociais e representações: estudo dos fenômenos representativos e processos sociais, do local ao global**. **Sociedade e Estado**, [s.l.], v. 33, n. 2, p.423-442, ago. 2018. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/se/v33n2/0102-6992-se-33-02-00423.pdf>. Acesso em: 24 mar. 2020.

LANGER, Johnni. **Era Viking**. In: LANGER, Johnni (Org.). **Dicionário de História e Cultura da Era Viking**. São Paulo: Hedra, 2018, p. 212-220.

LANGER, Johnni. **Magia e Feitiçaria Nórdica**. In: LANGER, Johnni (org.). **Dicionário de Mitologia Nórdica: símbolos, mitos e ritos**. São Paulo: Hedra, 2015. p. 291-296.

LANGER, Johnni. **Sociedade**. In: LANGER, Johnni (Org.). **Dicionário de História e Cultura da Era Viking**. São Paulo: Hedra, 2018. p. 644-647.





MAKOWIECKY, Sandra. Representação: a palavra, a idéia, a coisa. : a palavra, a idéia, a coisa. **Cad. de Pesq. Interdisc. em Ci-s. Hum-s.** Florianópolis, v. 4, n. 57, p. 2-25, dez. 2003.

NÚCLEO DE ESTUDOS VIKINGS E ESCANDINAVOS. **Existiram mulheres poderosas na Era Viking?** NEVE responde ep. 5. João Pessoa, 2020. Disponível em: https://youtu.be/dHvDh7dV_II. Acesso em: 22 set. 2020.

| 200

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade**, jul/dez 1995. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/71721/40667>. Acesso em: 04 jun. 2020.

SCOTT, Joan. Prefácio a Gender and Politics of History. **Cadernos Pagu**, n. 3, p. 11- 27, 1 jan. 2007. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/1721>. Acesso em: 04 jun. 2020.

TILLY, Louise. Gênero, história das mulheres e história social. **Cadernos Pagu**, n. 3, p. 28-62, 1 jan. 2007. Disponível em: 13 <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/1722>. Acesso em: 04 jun. 2020.

